

## Introdução

Existem duas questões que me acompanham há algum tempo. A primeira é “por que estudar Museologia?”. A segunda, que a complementa, é “por que, depois, optar pela História?”. Após alguns anos tentando encontrar uma resposta imediata para saciar a curiosidade dos indagadores, parece que o caminho para a minha própria apreensão sobre essas questões se clareou com o trabalho que aqui apresento.

Foram necessários quase dez anos para que as respostas surgissem, desde os anos de graduação, quando o questionamento sobre a opção pela Museologia era freqüente – exceto da parte dos meus supervisores de estágio, futuros colegas, que sempre se mostraram orgulhosos de sua própria escolha e da satisfação que ela lhes rendia –, até o momento posterior a minha formatura.

O ano de 2005 foi crucial para o desenvolvimento da pesquisa que ora se concretiza e que, de certa forma, traz respostas a essas perguntas. No decorrer do Programa de Especialização em Patrimônio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a orientação e os diálogos estabelecidos com o professor Mário Chagas apontaram a direção para a reflexão sobre o tema dos museus a partir do olhar dos viajantes. Como indicação do próprio professor, iniciei a pesquisa pela leitura de *Imagens do Brasil*, de Carl von Koseritz, e, muito embora tenha consultado diários de outros viajantes, foi ao relato koseritziano que resolvi dedicar minha atenção.

Dessa forma, a pesquisa ganhou contornos mais definidos e as novas questões que vinham surgindo acabaram por originar um segundo projeto de pesquisa, já com um foco em seu aprofundamento em nível de mestrado, o que veio a acontecer, em 2007, no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio.

Uma vez finalizada a pesquisa de dissertação, as respostas já podem ser ensaiadas. No que diz respeito à opção pela graduação em Museologia, a resposta se

encontra no fato de que foi em minhas viagens de férias em família que os museus sempre se fizeram presentes, muito mais do que no meu cotidiano. Assim, se uma viagem pressupunha a descoberta do desconhecido, envolvendo nesse processo ansiedade e maravilhamento, o museu, em cada novo lugar visitado, se apresentava como um companheiro seguro e constante, onde poderíamos nos deparar com objetos em exposição que proporcionariam conhecimento acerca daquelas culturas, lugares e povos diferentes de nós. Décadas de viagens e centenas de museus depois, compreendo agora a importância do legado dessas experiências culturais, para mim, indissociáveis no processo de construção contínua do que sou.

A segunda pergunta é mais pessoal. Se o universo dos museus é tão instigante, por que, então, *migrar* para um território vizinho? Em primeiro lugar, a idéia de desbravar terrenos desconhecidos é desafiadora, revigorante e traz à tona a própria natureza do ato de viajar. Além disso, as variáveis culturais e temporais que influenciam a forma como os homens escrevem sua própria história, registram suas memórias e as apresentam ao mundo despertam meu interesse na medida em que propiciam questionamentos e entendimentos distintos sobre a maneira como pensamos que fomos, que somos e que seremos.

História e museus operam com elementos comuns e são produtos de uma determinada realidade social. É nas formas de escrever suas narrativas que identifico o encantamento provocado pela História e pelos museus. Se o discurso de um museu é enunciado de forma muito peculiar e sensorial, em que as coisas são ditas através das próprias coisas, a escrita da História, por sua vez, possui uma maneira muito mais linear e introspectiva na forma como se dá a ler, uma vez que é construída com palavras.

Para encontrar essas possíveis respostas ou, ao menos, indícios delas, foi necessário embarcar em mais esta longa jornada que me permitiu estabelecer o diálogo entre o museu - um interesse antigo - e a História como uma nova forma de pensar. A relação dialética entre esses dois mundos está presente no que a dissertação propõe abordar.

O capítulo intitulado *Carl von Koseritz e suas 'Imagens do Brasil': para definir territórios* propõe as analogias que perpassarão toda a dissertação e que levam a propor o viajante como um colecionador e sua obra como uma exposição. Este capítulo tem por objetivo traçar um mapa do perfil do autor Carl von Koseritz e do livro *Imagens do Brasil*.

No que se refere ao autor, o esboço realizado sobre sua trajetória de vida enfatiza os momentos que antecedem sua saída da Alemanha até sua chegada ao Brasil, como mercenário, e seu posterior estabelecimento no Rio Grande do Sul como *brummer*, onde desempenhará um papel marcante nas vidas social e política da província, bem como merecerá destaque profissional como jornalista, educador e estudioso de arqueologia e etnologia.

O Império do Brasil será igualmente objeto de análise a partir das descrições de von Koseritz do Rio de Janeiro, local privilegiado em sua viagem para a *coleta* das imagens do Brasil, que compõem sua narrativa em função da capitalidade exercida pela cidade como pólo difusor do projeto civilizador do Império.

Em um segundo momento, a análise recairá sobre a obra *Imagens do Brasil*, ou, pela analogia proposta, sobre a *exposição*. Caracterizar as cartas koseritzianas como crônicas implica em recorrer à tradição iluminista de viagem para que se possa compreender o caráter magistral do livro como uma herança da prática de escrita de diários de viagem, que estabelecem, ainda, elos de identidade entre o autor e seu leitor, entre o autor e si mesmo, além de criar uma representação para o Império do Brasil.

O capítulo suscitará, também, a abordagem de três viagens possíveis encampadas por von Koseritz no âmago da grande jornada. A primeira, referente à viagem do alemão, é fortemente saudosista e se baseia nas memórias do mercenário. A segunda diz respeito à viagem do colono sulista, que defende, a todo momento, os interesses de seus conterrâneos nas colônias do sul. A terceira viagem possível é a do provinciano alemão pelo museu, instituição que se conforma como um eco da imagem civilizada almejada pelo Estado imperial.

No capítulo *Von Koseritz e o Museu Imperial e Nacional: impressões sobre a escrita do passado no presente*, pretendemos aprofundar a analogia do

viajante von Koseritz enquanto um colecionador, relacionando-a diretamente a suas visitas aos museus da Corte. Será durante essas visitas que o alemão colecionará observações preciosas para gerar um retrato do Império a partir de suas instituições civilizadoras.

Para tanto, dedicaremos a primeira parte desse capítulo a uma análise da história dos conceitos de coleção e de museu como forma de elucidar o processo histórico de associação entre ambos. Com isso, objetivamos evidenciar que a estreita relação do museu com a prática do colecionismo é fruto de uma construção histórica que se inicia na Grécia helenística e culmina no Renascimento com o embrião do modelo de museu tradicional, influenciado pelos gabinetes de curiosidades, cuja orientação universalista e enciclopédica de acumulação e ordenação de coleções será transposta para os museus brasileiros do século XIX.

A partir de tais considerações, analisaremos de que maneira a tradição antiquária será apropriada pela narrativa dos museus através do uso do objeto, assim como pela História oitocentista, que se disciplinarizava e incorporava a seu método de pesquisa técnicas oriundas da prática do colecionismo. Assim, poderemos compreender, analogicamente, como von Koseritz compõe seus relatos como um colecionador através da coleta, da seleção e da ordenação de suas impressões na forma de uma narrativa, além de lançar luz sobre o *modus operandi* dos museus visitados pelo viajante, em especial o Museu Imperial e Nacional.

O segundo item do capítulo tem por objetivo articular as múltiplas visões de von Koseritz, ora como o colono ilustrado, ora como o europeu civilizado, ou, ainda, como o provinciano sulista, sobre as instituições civilizadoras presentes na capital do Império. O Museu Imperial e Nacional merecerá destaque em nossa análise, dentre os relatos de von Koseritz de visita a instituições museológicas, graças à complexa representação em miniatura do Estado imperial que este estabelecimento permitia criar. O estudo e o ensino das ciências naturais praticados com as coleções do Museu serão abordados do ponto de vista da inserção dessa instituição no projeto de construção de uma identidade e de uma história nacionais de acordo com os ideais de progresso, luzes e civilização propagados pela Europa.

O capítulo abordará, por fim, a prática da etnografia dentro do Museu Imperial e Nacional como um recurso para escrever a história do passado da Nação por meio de suas coleções arqueológicas. Assim, Estado e Museu se aproximariam dos modelos pretendidos de civilização e progresso enunciados através das Exposições Universais, que tornavam patente a posição do Brasil, no concerto das nações, como elemento exótico e digno de interesse pela singularidade de sua natureza.

O último capítulo, *Exposição Pedagógica (1883): formas de narrar, de olhar e de educar*, tenciona esmiuçar a analogia para o livro de von Koseritz enquanto uma exposição a partir da apreciação do autor sobre a Exposição Pedagógica. Inicialmente, propomos uma abordagem teórica sobre a exposição da perspectiva de sua função de comunicação, desde a elaboração da narrativa até sua exposição ao público, quando, então, o museu alcançará sua finalidade dialógica ao suscitar interpretações junto aos visitantes.

A partir dessas considerações, trabalharemos com a leitura feita por von Koseritz sobre a Exposição Pedagógica. O viajante analisará tanto os organizadores quanto os visitantes da exposição, o que nos permitirá pensar a Exposição como um dos recursos político pedagógicos do Estado imperial na instrução e na educação de seus cidadãos que, futuramente, viriam a ser os encarregados de dirigir o país.

Assim como a obra *Imagens do Brasil* poderá ser considerada uma exposição que tem por fim representar o Brasil, os relatos de von Koseritz sobre a Exposição Pedagógica possibilitarão traçar um outro circuito pelas instituições imperiais, no qual o projeto civilizador do Estado é exaltado por intermédio dessas instituições formadoras dos cidadãos nacionais.